****

**UNIVERSIDADE ANHANGUERA – UNIDERP**

 ARTIGO

Marta de Jesus silva

 **A IMPOTANCIA DA CRIANÇA NO MEIO SOCIAL**

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO.........................................................................................................................4**

**1. A LEITURA E A CONTAÇÂO DE HISTÒRIAS.............................................................4**

**2. PROJETOS............................................................................................................................7**

**PASSO 1.....................................................................................................................................7**

**PASSO 2.....................................................................................................................................9**

**PASSO 3...................................................................................................................................12**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.................................................................................................13**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..................................................................................14**

**DESAFIO PROFISSIONAL**

**INTRODUÇÃO**

O reconhecimento da criança como ser social, assim como as práticas e estratégias de como educá-las foram processos construídos historicamente e que sofreram influências das transformações políticas e também sociais.

A criança ganhou espaço e importância e aos poucos os profissionais que lidavam com elas precisaram se adaptar e aprender mais e mais para melhorar a qualidade do seu trabalho. Muitos pontos foram observados e experimentou-se até aqui muitos métodos e práticas e aos poucos foi possível perceber que a ludicidade e a interdisciplinaridade são fatores essenciais no ambiente escolar tanto lidando com crianças da Educação Infantil como no Ensino Fundamental.

Hoje muitas escolas utilizam tais ferramentas e também promovem atividades de integração para a transição entre os dois segmentos, afinal para muitos deles a adaptação na escola é um período bastante difícil.

O presente Desafio tem por objetivo refletir sob tais questões para que seja possível compreender a dimensão do trabalho do professor e oferecer a ele também ferramentas para o planejamento de atividades.

Para composição desse Desafio, foram feitas pesquisas em trabalhos acadêmicos, literaturas que discutem práticas pedagógicas e conceitos relativos à área da educação, vídeos e outros materiais pertinentes.

1. **CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA**

A concepção moderna de infância moderna foi construída a partir de transformações que a sociedade sofreu ao longo de sua constituição. Inicialmente, na Antiguidade, tal concepção sequer existia. Segundo Áries (1981), a criança era vista como um pequeno adulto ou como uma miniatura de um adulto. Os registros do período medieval, por exemplo, só mencionam as crianças durante a fase em que essas são dependentes de suas mães, à medida que vão conquistando sua independência, a menção sobre elas praticamente desaparece.

Áries fez a afirmativa surpreendente de que o mundo medieval ignorava a infância. O que faltava era qualquer sentimento de I’enfance, ‘qualquer consciência da particularidade infantil’, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. [...] A civilização medieval não percebia um período transitório entre infância e a idade adulta. Seu ponto de partida, então, era uma sociedade que percebia as pessoas de menos idade como adultos em menor escala (ÁRIES, 1981 apud HEYWOOD, 2004, p. 23).

A visão da criança começa a mudar no decorrer dos séculos, em virtude da expansão do cristianismo, da forma como as famílias começam a ser organizadas socialmente e da valorização dos laços sanguíneos. A partir do século XVIII, as relações entre pais e filhos passam a ser mais próximas, pois os laços afetivos se voltam para as crianças, os nascimentos aos poucos passam a ser planejados e a figura da criança ganha força e importância no cenário social.

Com as mudanças transcorridas em virtude das religiões, da política e sociedade ao longo da história, a preocupação com a educação das crianças também ganha foco. Daí o surgimento das instituições escolares, que segundo Costa (2009), tinha como missão moldar as crianças de acordo com os moldes sociais acetáveis de acordo com a moralidade da época.

Atualmente o que vemos é que a criança deixou de ser uma miniatura de ser humano e passou a ser vista como uma fase da vida em que o humano precisa de cuidados e atenções, pois sua formação intelectual bem como seu emocional será determinante para o tipo de adulto que ela se tornará. A concepção de infância deixou de ser algo da mera descrição física para uma consideração muito mais abrangente do ponto de vista comportamental e psicossocial. O espaço que a criança ganhou e vem ganhando em importância é tão evidente, que basta observarmos a quantidade de produtos e serviços que têm surgido em virtude dessa fase da vida. Antes ela não tinha voz, hoje, em alguns casos, sua voz está em evidência e o núcleo familiar funciona em favor dela. De acordo com Aries (1981) há múltiplos os fatores que contribuíram para que essas transformações. Destaca-se, entre eles, o processo de escolarização como principal objetivo, separando as crianças do ambiente a que eram submetidas no convívio com os adultos. O segundo fator é a fabricação de brinquedos específicos para as crianças e, por fim, o mais importante, como já mencionado, o crescimento do sentimento de família.

. No final do século XVII, com a escolarização, a família organizou-se em volta da criança, e então educação e afeição se tornam primordiais. Com a modernidade, a família passa a ter uma função moral e espiritual, e responsabilizou-se a escola pela função de preparar os filhos para a vida adulta, exercendo sobre a criança um poder disciplinar. Enfim, a criança passou a ser vista como um ser a ser educado.

A necessidade de se investir na formação da criança, vem justamente do grau de importância que esta adquiriu na sociedade. Os avanços dos estudos pautados na Psicologia e na Filosofia também tiveram papel fundamental nas mudanças e adaptações que vêm sido implantadas nas práticas educativas.

Segundo as análises de Kuhlmann (1998), as experiências vividas pelas crianças em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais são mais do que representações dos adultos. O autor propõe a ideia de que é preciso saber como ocorreram ou ocorrem as representações de infância, pensar nas crianças, localizá-las na sociedade e reconhecê-las como produtoras da história:

[...] infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (KUHLMANN, 1998, p.16).

Isso leva-nos a pensar que a necessidade de se investir nessas experiências a fim de contribuir para a formação da criança enquanto ser social e produtor de história, também chama a atenção para o fato de que essas mesmas experiências são parte essencial para o desenvolvimento da criança e por isso é preciso levar em consideração, a cada atividade planejada, quais impactos essa pode trazer para processo de aprendizado, qual objetivo, se a metodologia é adequada, se o grupo está preparado etc.

1. **PRÁTICAS EDUCATIVAS E LUDICIDADE**

No planejamento de atividades para a sala de aula, as estratégias que têm papel fundamental no processo de aprendizado e que podem contribuir também para a criatividade são as que envolvem brincadeiras, espaços lúdicos e psicomotricidade. Nelas acontecem as interações motora, cognitiva e psíquica da criança, relacionadas à sua capacidade individual de expressar-se a partir de seus movimentos em contextos psicossociais.

As práticas educativas no período da infância podem envolver as brincadeiras mais intelectuais, relacionadas à leitura e as artes de um modo geral, porém deve-se investir a maior parcela dessas em atividades que incluam propostas táteis, pois durante a infância, a linguagem corporal e as atividades motoras fazem parte da comunicação das crianças e também da forma como elas experimentam o mundo.

Responsáveis por tais estudos definiram o termo Psicomotricidade como a área do conhecimento que se ocupa da interação entre a teoria, o aprendizado, o desenvolvimento motor e também cognitivo da criança.

“Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização” (SBP, 1999). Essas noções são fundamentais para o desenvolvimento de atividades pedagógicas direcionadas aos alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, uma vez que é durante essa fase que toda criança faz suas primeiras descobertas no que diz respeito ao seu corpo e como esse se relaciona com o espaço que a mesma vive.

Fonseca (1995), educador físico e psicomotricista português, comenta, em seu trabalho de pesquisa acerca do assunto, que os aspectos psicomotores abrangem a parte neurológica de maturação do indivíduo e que esta está relacionada também aos planos rítmico e espacial, da palavra e à evolução dos planos gnósicos práticos e gnósicos construtivo e corporal. No que diz respeito à parte neurológica, o psicomotricista está se referindo ao trabalho de LURIA (1902-1977), neuropsicólogo soviético que realizou estudos a partir das teorias de Vigotsky e que definiu esse desenvolvimento em três unidades funcionais:

Primeira unidade funcional: quando ocorrem a regulação do tônus cortical e a função de vigilância;

Segunda unidade funcional: obtenção, captação, processamento e armazenamento da informação vinda do mundo exterior;

Terceira unidade funcional: programação, regulação e verificação das atividades. (FONSECA, 1995 p.95)

Para Fonseca (1995) os seguintes termos significam:

Plano rítmico espacial: refere-se à estruturação espaço temporal onde a criança conhece seu espaço e seu ritmo, conhecimento este que ocorre lentamente ao longo de seu desenvolvimento;

Plano da palavra: refere-se à fala que é uma atividade simbólica e depende de maturação cerebral; não é inata, alguém te ensina, cópia de modelos;

Gnósico páxico praxia – capacidade de realizar um ato intencional.

Praxia global: movimentos corporais amplos;

Praxia fina: movimentos corporais específicos;

Gnósico construtivo e corporal: é preciso conhecer e dominar para usar o corpo; (FONSECA, 1995 p.97)

Partindo dessas definições é possível entender em outras palavras que a psicomotricidade é a educação corporal básica na formação integral da criança, e que essa é de grande importância durante o período evolutivo concreto, que se inicia nos primeiros meses de vida e prossegue até os 7 ou 8 anos.

Segundo a teoria piagetiana, nesse período evolutivo há duas etapas fundamentais: a etapa de reconhecimento da imagem de si mesmo, que se dá entre os 10 ou 12 meses e continua até 18 meses de vida e a etapa de descentração que começa entre os 12 e 18 meses continua até 7 ou 8 anos de idade, variando de acordo com a criança.

Nessa primeira etapa a imagem de si mesma que a criança tem é construída a partir do seu contato e vínculo com a figura materna e na observação que a mesma faz de seu próprio corpo e daquilo que descobre pouco a pouco ser capaz de realizar, isso inclui tarefas relacionadas aos sentidos do tato, visão, olfato, audição e gustação. A descoberta de sua identidade é gradual e ocorre à medida que entende e reconhece o seu “eu” e o “não eu”, manifesta seus aprendizados relativos à linguagem e exercita suas primeiras as operações intelectuais, as socializações e a cultura. Le Bouch explica:

Um verdadeiro interesse pelo objeto, sobretudo o objeto novo, insólito, é a necessidade intelectual que vai orientar a atividade da criança na descoberta e no domínio do mundo exterior. Este aspecto fundamental no desenvolvimento das funções cognitivas vai permitir à criança, além de multiplicar suas praxias, construir um espaço de ação vivenciado. (LE BOUCH 2001, p. 59).

Terminada essa primeira etapa, a criança se abrirá para o mundo; será o momento em que florescerá sua afetividade e a expressão de suas emoções. Isso corresponde exatamente ao processo de assimilação, acomodação e adaptação descrito por Piaget (1978) para essas idades, definida por ele como período pré-operatório. O processo de descentração envolve a capacidade de fixar o olhar sobre sua própria ação e sobre o mundo, fazendo com que a criança aos poucos perceba a capaz de viver como um ser independente de tudo que a rodeia.

Assim, a prática psicomotora, segundo Sánches, Martinez e Peñalver, (2003) é prioritariamente uma forma (tecnicidade) de levar a termo em um espaço determinado (sala) e em um momento concreto (horário estabelecido), com alguns objetos (materiais) e algumas pessoas (crianças e os educadores), uma atividade dinâmica baseada no corpo e em suas ações para chegar a processos do pensamento operatório.

Segundo as autoras, a prática psicomotora auxilia o desenvolvimento da expressividade motora das pessoas, respeitando suas limitações e facilitando a consecução dos seguintes objetivos:

* A possibilidade de relação e de comunicação em todas as suas dimensões: Relacionar-se é imprescindível para a sobrevivência de qualquer ser humano. Portanto, é fundamental atender a expressividade corporal da criança e tentar compreendê-la e escutar o sentido profundo daquilo que nos está expressando por via corporal e/ou da linguagem.
* O desenvolvimento da criatividade: Criar é optar por mais de uma possibilidade, concretizar imagens por meio da ação, do corpo e de suas formas de representação: o desenho, a modelagem, a linguagem, a escrita etc., o que implica uma liberdade maior de imagens que de meios. Supõe uma elaboração de produções para ser reconhecido pelo mundo exterior.

O desenvolvimento da personalidade da criança e de sua inteligência requer organização e a estruturação do eu e do mundo a partir da concepção de algumas noções fundamentais, que são descobertas a partir das vivências da criança. A esse respeito Le Bouch explica:

A educação psicomotora na idade escolar deve ser antes de tudo uma experiência ativa de confrontação com o meio. A ajuda educativa, proveniente dos pais e do meio escolar, tem a finalidade não de ensinar à criança comportamentos motores, mas sim de permitir-lhe, mediante o jogo, exercer sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças. No estágio escolar, a primeira prioridade constitui a atividade motora lúdica, fonte de prazer, permitindo à criança prosseguir a organização de sua “imagem do corpo” ao nível do vivido e de servir de ponto de partida na sua organização práxica em relação com o desenvolvimento das atitudes de análise perceptiva. (LE BOUCH 2001. p.129).

Segundo Oliveira (2004) o corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe-se e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo. Isso significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para diferenciar, para sentir diferenças. Ela passa a distingui-lo em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os.

O desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas. O corpo, portanto, é sua maneira de ser.

As práticas que envolvam psicomotricidade andam em sintonia com o que chamamos de ludicidade. Segundo Almeida (2006), a palavra ludicidade se origina na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo", porém é preciso considerar o fato de que essa, quando aplicada ao contexto educacional, abrange mais do que apenas o jogo, o brincar e o movimento espontâneo, mas também está ligada ao desenvolvimento psicofisiológico, ou seja, às atividades que envolvam corpo e mente do indivíduo. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, trabalhando com a cultura corporal, movimento e expressão.

Os jogos e as brincadeiras em geral, trazem em si um meio e um fim definidos, ao menos na intencionalidade inconsciente da criança. Para Radespiel (2003, p.18), “brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia”. As brincadeiras e os jogos muitas vezes simulam uma situação real, por isso permitem à criança através de seu imaginário e do papel que ela desempenha, simbolicamente, na proposta lúdica que a mesma vivencie sentimentos e descobertas de maneira concreta. É nesse momento que são despertadas na criança as percepções, a atenção, a construção do conhecimento como um todo e a responsabilidade do papel social que essas desempenharão ao longo de suas vidas.

As atividades lúdicas, quando bem planejadas pelo professor, podem auxiliar diretamente do desenvolvimento das seguintes competências:

**I. Lateralidade**: Trabalhar a lateralidade é trabalhar o sistema nervoso. O cérebro se divide em dois hemisférios. O hemisfério esquerdo tem funções específicas, diferentes das do hemisfério direito. Trabalhar a lateralidade é trabalhar o comando, a interligação de sistemas; é trabalhar as funções de cada hemisfério. A lateralidade bem desenvolvida contribui para o equilíbrio emocional, para o desenvolvimento da criatividade, desde a estética e limpeza à capacidade de expressão.

A lateralidade é a função da dominância, tendo um dos hemisférios a iniciativa da organização do ato motor, que incidirá no aprendizado e na consolidação das praxias. Esta capacidade funcional, suporte da intencionalidade, será desenvolvida de maneira fundamental nessa época da atividade de investigação durante a qual a criança vai confrontar-se com seu meio [...] Permitir à criança organizar suas atividades motoras globais é a ação educativa fundamental. Desse modo, coloca-se a criança em melhores condições para constituir uma lateralidade homogênea e coerente. (LE BOULCH apud ALMEIDA, 2010, p. 61).

**II. Estruturação espacial:** Desenvolver as noções espaciais é essencial para que o indivíduo viva em sociedade e principalmente para que possa estabelecer suas relações entre as coisas fazendo observações, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e diferenças entre elas. “Esse desenvolvimento se dá através de etapas que compreende em: conhecimento das noções, orientação, organização e compreensão das relações espaciais”. (DE MEUR e STAES 1991, p.14) A estruturação espacial possibilita à criança organizar-se perante o mundo que a cerca, fazendo com que a mesma consiga lidar com muitas situações práticas em seu dia a dia no que diz respeito ao seu espaço e ao dos outros.

**III. Estruturação temporal:** Para entender o movimento humano é preciso ter a consciência de que as noções de corpo, espaço e tempo estão intimamente ligadas. É por esta razão que se utiliza a expressão orientação espaço-temporal, pois esta abrange as três noções de forma integrada.

Essas noções são desenvolvidas também através de etapas: noções de ordem e sucessão, duração de intervalos, renovação cíclica de certos períodos e ritmo. O tempo é uma das mais difíceis habilidades para se trabalhar na escola infantil, dada a dificuldade de se distinguir, por parte da criança, o tempo real do tempo ficcional. Desenvolver um bom trabalho de percepção temporal é fundamental para que a criança possa se incluir cada vez mais no universo em que vive. (DE MEUR e STAES 1991, p. 16).

**IV. Discriminação visual e auditiva:** A discriminação visual e auditiva é essencial para a aprendizagem da leitura, da escrita e para o desenvolvimento de tarefas que envolvam textos verbais e não verbais, além de atividades que necessitem de comunicação, cooperação e trabalho em equipe. A este respeito Oliveira (2004, p.99) declara: “A preocupação aqui é com a criança que enxerga e ouve bem, mas não consegue discriminar corretamente os sons ou as formas. A criança, portanto, não tem defeito visual ou auditivo, só não consegue transmitir informações exatas ao sistema motor”.

Atividades lúdico-motoras, quando bem direcionadas, poderão contribuir para a prevenção de problemas relacionados à dificuldade de aprendizado e até mesmo outros de ordem psicoafetivas, tais como distúrbios e insociabilidade.

Para a maioria das crianças que passam por dificuldades de escolaridade, a causa do problema não está no nível da classe a que chegaram, mas bem antes, no nível das bases. Os elementos básicos ou “pré-requisitos”, condições mínimas necessárias para uma boa aprendizagem, constituem a estrutura da educação psicomotora. (DE MEUR e STAES, 1991 p.8).

Na educação infantil e na transição para o ensino fundamental, a prioridade deve ser ajudar a criança a ter uma percepção adequada de si mesma, compreendendo suas possibilidades e limitações reais e ao mesmo tempo, auxiliá-la a se expressar com maior liberdade, conquistando e aperfeiçoando novas competências, e isto se faz com atividades bem dirigidas, planejadas e sempre visando práticas pedagógicas adequadas.

A escolha das atividades é sempre importante e o planejamento prévio ainda mais, porém nem sempre é necessário ter atividades que exijam tanta infraestrutura, mas muitas vezes vale a criatividade e até mesmo o aproveitamento de brincadeiras populares. Exemplo disso é a prática de brincadeiras como amarelinha, esconde-esconde, brincadeiras de roda, brincadeiras de corda e outras tão populares, por exemplo, são importantíssimas, não somente para as noções matemáticas como para as sensórios-motores.

O professor deve se conscientizar de que a criança é um corpo em movimento, possuidor da livre expressão, necessitando ser conduzido da melhor forma possível nesse processo de interação. Assim sendo, as noções de Psicomotricidade e Ludicidade, auxiliarão neste processo, organizando, e até reorganizando os gestos motores necessários a evolução da aprendizagem, perfazendo o alicerce sensório perceptivo motor, indispensável no processo de educação e reeducação, organizando as sensações, percepções e ações do sujeito.

1. **BRINQUEDOTECA E ESPAÇOS LÚDICOS**

O brincar é parte essencial da infância e muitas vezes parece ser algo natural e intrínseco de toda criança, em especial as brincadeiras em que o faz de conta é parte fundamental do imaginar e do descobrir. A importância de tais brincadeiras está justamente no fato de que as nelas as crianças realizam papeis, imaginam e reagem a situações, ou seja, se comportam como numa situação da vida real. Isso contribui para sua experimentação e descoberta do mundo, da sociedade de como interagir com outros indivíduos com quem terão que conviver ao longo de suas vidas.

A ludicidade é um instrumento que contribui para o processo de aprendizagem, por isso não devemos afastar o lúdico da vivência das crianças. Já nos dizia Santo Agostinho: “O lúdico é eminentemente educativo no sentido em que constitui a força impulsionadora de nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, o princípio de toda a descoberta e de toda a criação” (BELTRAME, 2000, p. 20). Nesse sentido, entre os espaços lúdicos que podem ser criados no espaço escolar, a brinquedoteca é um dos que podem ter maior sucesso e eficácia como estratégia de ensino.

A brinquedoteca é um lugar onde as crianças aprendem brincando, criando, cantando, ouvindo e contando histórias. É um lugar para ser feliz, em que o direito de brincar está garantido. Em sua estrutura, na maioria dos casos, fazem parte do espaço, livros, brinquedos, decoração temática, materiais pedagógicos etc. Tal estrutura tem por objetivo estimular a brincadeira, de maneira agradável e possibilitar a concretização e vivência de experiências que contribuam para o desenvolvimento da criança.

Outros espaços também podem servir ao objetivo da ludicidade: o parque, a área verde, caso a escola disponha, a quadra, a sala de informática, o anfiteatro, o pátio e até mesmo a sala de aula. O sucesso da atividade dependerá do planejamento dos profissionais envolvidos e do seu entrosamento e condução com a turma.

Podemos citar como exemplo de atividades lúdicas os jogos em geral, que podem ser recreativos, esportivos, teatrais. Também é possível mencionar as danças, as atividades corporais e oficinas de expressão, dinâmicas, produção de materiais, manuseio de brinquedos, contação de histórias, aulas de música etc. Em todas as ocasiões, é fundamental a valorização das aulas, do trabalho profissional, a seriedade com que a atividade é dirigida e a organização e reorganização constante.

O profissional de educação deve sempre estar atento ao envolvimento de todos os alunos da turma, da adequação da atividade à faixa etária, aos riscos de ferimentos e acidentes entre outros fatores que podem atrapalhar o sucesso da atividade.

Na maioria das vezes há uma preocupação excessiva por parte da escola e mesmo dos profissionais acerca dos recursos. Obviamente, se for possível tê-los todos disponíveis e da melhor qualidade pode fazer a diferença, porém a concretização da atividade assim como o desfecho satisfatório depende mais da maneira como o professor conduz a atividade e da interação dos alunos, do que propriamente dos recursos envolvidos. Uma simples folha de papel pode dar asas à imaginação de uma criança através de uma boa história e de um origami, uma música e uma brincadeira com bolo, pode proporcionar uma atividade divertida e que envolva noções matemáticas, tudo depende de planejamento e foco.

No caso da brinquedoteca, o que privilegia o espaço é o fato dele ser preparado e especial para o fim da ludicidade, nos demais espaços, se eles não forem preparados e preciso prever estratégias que os prepare, assim como se preparar e estar pronto para imprevistos que podem vir a atrapalhar a atividade programada.

Os espaços lúdicos no ambiente escolar também podem ser denominados como espaços educativos, neles o professor deve imaginar sua atividade e os métodos que utilizará em sua atividade nos mínimos detalhes. Por exemplo, se a ideia é dramatizar uma história a fim de trabalhar questões psicoemocionais, o ideal é ter fantoches, peças de roupas ou elementos que lembrem a história, assim o professor poderá contá-la e depois convidar os alunos a recontá-la através da dramatização por exemplo. O espaço deve ser confortável, a fim de acomodar a todos, deve estar limpo e os brinquedos, livros e outros materiais devem estar em bom estado. É muito importante certificar-se de que há materiais ou brinquedos para todas as crianças. Caso sejam utilizados equipamentos de som, imagem ou de informática, verificar se todos funcionam. Crianças tendem a ter uma expectativa alta quando estão nesses espaços e quando qualquer equipamento não funciona ou quando falta material a confiança no professor pode ser abalada, isso pode gerar indisciplina e dispersão da turma.

1. **METODOLOGIAS, DIVERSIDADE ORGANIZACIONAL E INTERDISCIPLINARIDADE.**

As práticas pedagógicas devem sempre se basear nos conteúdos curriculares e nos objetivos pertinentes a cada fase escolar. Para isso é necessário que o professor anualmente faça um planejamento dos conteúdos que serão ministrados, dos objetivos e métodos a ser utilizados. Dentro os itens, que precisam ser levados em consideração, está a interdisciplinaridade e estar aberto ao trabalho em equipe em grandes e pequenos projetos.

A interdisciplinaridade pode ser definida como relações que podem ser estabelecidas entre duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento. Realizar trabalhos e projetos interdisciplinares é sem dúvida um grande desafio, porque envolve articulação de conteúdos que nem sempre são de domínio do professor ou mesmo porque muitas vezes requer o trabalho com outros profissionais e manter um cronograma sob controle nessas condições nem sempre é fácil. Porém incluir tais possibilidades no planejamento de atividades têm papel muito importante.

Gadotti (1999, p. 2) menciona em seu trabalho que “a interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante rompendo com as fronteiras das disciplinas”, embora, como afirma Siqueira (1995, p. 1):

“trabalhar a interdisciplinaridade não significa negar as especialidades e objetividade de cada ciência. O seu sentido reside na oposição da concepção de que o conhecimento se processa em campos fechados em si mesmo, como se as teorias pudessem ser construídas em mundos particulares sem uma posição unificadora que sirva de base para todas as ciências e isoladas dos processos e contextos histórico-culturais”.

De acordo com Etges (1993) os trabalhos interdisciplinares proporcionam a possibilidade de se explorar as potencialidades de cada ciência, fazendo com os alunos possam, através do pensamento crítico, observar e compreender que as diversas áreas do conhecimento funcionam como uma grande teia no mundo que as cerca. Tudo está interligado; as realidades se completam e essa percepção é possibilitada através de projetos que envolvam as disciplinas diferentes: são simulações dos mecanismos da “vida real”. Nessas ocasiões os conteúdos vivenciados na sala de aula devem dialogar com problemas que afetam o cotidiano, propondo-se a efetivar um ensino articulado que dialogue com a realidade social dos estudantes.

É preciso compreender que a vivência da interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas estabelece relações com problemáticas de caráter social. Ou seja, essa vivência interdisciplinar, no âmbito da sala de aula, permite trazer para as práticas pedagógicas elementos do cotidiano e construir uma interdependência e uma inter-relação entre o que se aprende com o que se vive. Crusoé (2014, p. 114) destaca alguns aspectos fundamentais que marcam a elaboração de uma prática pedagógica interdisciplinar. E nesse sentido, refere que tal prática “está sempre por se construir, é circunscrita e envolve a necessidade de mobilizar saberes para compreender e intervir na realidade demandando um trabalho em parceria”.

Os benefícios das práticas interdisciplinares não são benéficas apenas para os alunos, mas também para os profissionais envolvidos, pois proporcionam trocas de experiências profissionais, aprendizado de conteúdos e a oportunidade de compartilhar e exercitar formas de lidar com a diversidade, afinal cada professor envolvido tem uma personalidade e um modo de pensar e o trabalho em equipe é muito importante.

Esse dinamismo favorece olhar para o conhecimento como alguém que cria e transforma e não somente como quem repete o que os outros já pensaram. Fascinando-se pelo conhecimento, o professor atrai o olhar do aluno para o conhecer. Ambos podem, então, iniciar uma jornada de descobertas e de crescimento a partir da apropriação e da recriação do saber conquistado e organizado pela cultura. (FURLANETTO, 2003, p. 94). Nesse sentido, os professores motivam os estudantes a descobrir, questionar e recriar juntos o que já está prescrito e organizado, através de uma relação dialógica, interativa e de descobertas.

O sucesso e a cultura dos projetos interdisciplinares na instituição escolar depende dos professores, mas também precisa contar com uma rede de apoio que envolve tanto a organização pedagógica como a administrativa. É preciso haver um ambiente que favoreça tais práticas, que superem o sentimento de individualidade e que promova o espírito colaborativo.

Do ponto de vista pedagógico, os projetos podem ser organizados por séries/turmas, por grandes áreas do conhecimento, por exemplo: humanas, exatas, biológicas etc. Como estamos falando em Educação Infantil e principalmente em Ensino Fundamental é preciso levar em considerar como fator número um que o público envolvido é composto por crianças e, portanto tais atividades devem ser envolventes e atrativas para eles. A estratégia da brincadeira, do jogo, ainda é uma das melhores, mas há outras que envolvam trabalhos práticos de investigação, pesquisa, experiências científicas, movimentos corporais etc.

Do ponto de vista curricular, o que a escola pode promover em seus calendários como muitas já fazem são grandes eventos que promovam essas possibilidades. Alguns exemplos são as feiras do livro, feiras culturais, feiras de ciência, saraus, concertos, seminários, saídas pedagógicas etc.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Interdisciplinaridade e as práticas pedagógicas inovadoras certamente são os melhores caminhos para melhorar a qualidade de trabalho do professor e contribuem também para a construção de uma boa imagem da escola.

Esse trabalho de pesquisa buscou a reflexão das práticas pedagógicas, principalmente pensando na interdisciplinaridade, nos conceitos de infância, na ludicidade e na importância desses itens para que a sala de aula possa ser um lugar atrativo para o aprendizado, experimentação e vivência do aluno.

O brincar, o descobrir e o estímulo à imaginação são partes essenciais da infância e na maneira como a criança experimenta e vivencia o mundo, por isso não se pode privá-la daquilo que é indispensável para seu desenvolvimento.

As brincadeiras, assim como as atividades realizadas no espaço escolar devem ser muito bem planejadas, contando com recursos e apoio da direção e administração da escola, preparando-se para contratempos que podem acontecer na execução do projeto etc.

O professor deve respeitar prazos, ser organizado e ter espírito de equipe para que possa ser exemplo aos seus alunos e para que possa atingir seus objetivos em suas atividades.

**BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Nadjair. **Ludicidade como Instrumento Pedagógico**. Disponível em: <http://www.cdof.com.br> acesso em 20.03.2019

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BELTRAME, L. M. **O papel do jogo no desenvolvimento de relações interpessoais na educação infantil.** 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Videira, 2000.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infâncias e "artes" das crianças: memórias, discursos e fazeres** (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950). Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **Prática Pedagógica interdisciplinar na Escola Fundamental: sentidos atribuídos pelas professoras**. Curitiba: CRV, 2014

DE MEUR, A. e STAES, L. **Psicomotricidade**: educação e reeducação. Trad. De Ana Maria Izique Galuban e Setuko Ono. São Paulo: Manole Ltda, 1991

ETGES, Noberto J. “**Produção do conhecimento e interdisciplinaridade”, Educação e Realidade,** Porto Alegre. v. 18, n. 2, jul./dez, 1993, p. 73- 82.

FONSECA, Vitor da. **Manual de Observação Psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **O papel do Coordenador Pedagógico na Formação Contínua do Professor: Dimensões interdisciplinares e Simbólicas**. In: QUELUZ, Ana Gracinda (Org.). Interdisciplinaridade: formação de profissionais em educação. São Paulo: Pioneira 5 omson Learning, 2003, p. 85-101.

GADOTTI, Moacir. **Interdisciplinaridade, atitude e método**. Disponível em <https://pedagogiaparaconcurseiros.com.br/artigo-interdisciplinaridade-atitude-e-metodo-moacir-gadotti/> Acesso em: 23 de março de 2019.

KUHLMANN, Júnior. FERNANDES, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Sobre a história da Infância**. In: FILHO, L. M. F. (Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 22 a 37.

LE BOULCH, Jean. **O Desenvolvimento Psicomotor**: do nascimento até os 6 anos. Trad. Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 9 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PEREIRA, N. **Brinquedoteca: jogos e brincadeiras**. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RADESPIEL, Maria **– Alfabetização sem segredos - Pré-escolar e Primeira Serie Vol. I**Ano: 2003 Editora: Iemar.

SANCHEZ, Pilar Arnaiz et al **A Psicomotricidade na Educação Infantil**: uma prática preventiva e educativa. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE**. Acesso em 18 de março de 2019. <http://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade>